

**Seção: Artigo**

**Trilha: Interdisciplinar  
em Ciências Humanas**

Sebastião Gomes Barbosa  
Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro (ProPEd/UERJ)  
[sgbarbosa.ed@gmail.com](mailto:sgbarbosa.ed@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-3789-4493>  
<http://lattes.cnpq.br/9308860656368563>



## O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO A UM ALUNO COM AUTISMO PROFUNDO

### Resumo

Nos últimos anos o interesse em relação ao autismo tem experimentado um notável crescimento, impulsionado pelo aumento no número do transtorno em nível global. Esse fenômeno tem estimulado um aumento significativo na pesquisa acadêmica e científica em todo o mundo. No entanto, é importante destacar que, no contexto brasileiro, os estudos relacionados ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) de alunos com autismo profundo têm sido insuficientemente abordados, criando uma lacuna no entendimento das necessidades e desafios enfrentados por essa população. Nesse cenário, este estudo assume um papel importante ao direcionar seu objetivo principal para a descrição do AEE fornecido a um aluno com autismo profundo, utilizando o registro de um diário de bordo como instrumento de pesquisa. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Os resultados possibilitaram vislumbrar as limitações e possibilidades do aluno no AEE, permitindo o desenvolvimento de estratégias que melhor correspondessem as suas necessidades específicas.

**Palavras-chave:** autismo profundo, atendimento educacional especializado, diário de bordo, aprendizagem.

Este trabalho está licenciado com uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as usuários(as) do seu material possam distribuir, remixar, adaptar e criar a partir do material criado por você, mesmo que seja para fins comerciais, mas desde que quem usar atribua o devido crédito pela autoria inicial da obra.

## 1 Introdução

O Autismo ou Transtorno do Espectro do Autista, ainda é incompreendido por uma parte significativa da população. O preconceito e a discriminação presentes na sociedade em relação às pessoas dentro do espectro autista são reais. A escola, nesse contexto, deve ser um lugar de desconstrução do preconceito e combate à discriminação e um espaço para aprendizagem e desenvolvimento de todos. Este estudo se situa em uma escola pública da Baixada Fluminense, no município de Duque de Caxias, RJ. É uma escola pequena que atende ao primeiro segmento do Ensino Fundamental em dois turnos (manhã e tarde). O público que a frequenta é em sua maioria da classe popular. Mediante o contexto, o objetivo deste estudo foi descrever o Atendimento Educacional Especializado de um aluno com autismo profundo<sup>1</sup> a partir do diário de bordo. Segundo Porlán Ariza e Martín (1996), a utilização do diário pelos professores é importante porque permite ir além da simples percepção intuitiva e possibilita um nível aprofundado da capacidade de observação.

## 2 O Autismo/TEA e suas especificidades

O TEA surge na primeira infância e se apresenta em níveis de comprometimento diferentes em cada caso, desde sintomas leves a graves. A palavra espectro indica essa variedade do transtorno de pessoa para pessoa. A partir disso, há necessidade de menos ou mais suportes que cada um precisará ter para diferentes aspectos da vida. É um transtorno que causa prejuízos em diversas áreas da vida das pessoas. Esses prejuízos estão relacionados aos aspectos deficitários na habilidade de comunicação e interação social e no comportamento (APA, 2014).

Segundo dados coletados em 2020, e divulgados em 2023, dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (*Centers for Disease Control and Prevention – CDC*), baseados nos registros de saúde e educação, a prevalência do TEA é de 1 em cada 36 crianças com até 8 anos de idade. A pesquisa também aponta que a prevalência de TEA entre os meninos continua sendo maior do que entre as meninas (aproximadamente 4% dos meninos e 1% das meninas).

---

1 Conceito proposto por um conjunto de pesquisadores, divulgado na Revista Científica The Lancet, em 2022. É um documento que reúne várias recomendações para abordagem do autismo. Ver texto completo em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)01541-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)01541-5/fulltext)

Houve um aumento significativo de crianças diagnosticadas com o transtorno em relação aos dados coletados em 2018 e divulgados pelos CDC em 2021, que era de 1 em cada 44. O estudo apontou também que 37,9% das crianças com TEA têm diagnóstico de deficiência intelectual (Maenner et al., 2023). No Brasil não existem dados oficiais de prevalência do TEA. Isso dificulta ações de políticas públicas, uma vez que não se sabe quantas são as pessoas com essas condições para tomada de decisões mais acertadas a respeito de capacitação e formação para diferentes profissionais que trabalham na área de saúde e educação, além de propostas de intervenções abrangentes que atenderiam as necessidades desse público. Importante ressaltar que a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, da política nacional de proteção aos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012), trouxe um novo olhar para pessoas com TEA, tirando-as de um mundo de invisibilidade e revestindo-as como pessoas de direito. As pessoas com TEA passaram, então, a ter os mesmos direitos das pessoas com deficiências especificadas na Lei Nº 7.853 (Brasil, 1989).

A causa do TEA permanece sem uma resposta definitiva. Há evidências consistentes que seja de condição genética associada a causas ambientais. Segundo um estudo publicado pela revista científica *JAMA Psychiatry*, em 2019, a maioria dos casos tem origem genética (cerca de 97-99%). A herdabilidade do TEA é de aproximadamente 81% e os fatores genéticos não hereditários são cerca de 18-20%, enquanto os ambientais (intra uterinos) são aproximadamente 1-3% (Bai *et al.*, 2019). O diagnóstico definitivo do TEA geralmente é feito por volta dos 3 anos de idade (APA, 2014), entretanto, os sinais característicos do transtorno podem ser identificados muito antes. Algumas crianças com TEA podem nunca aprender a falar (Dumas, 2011), enquanto outras apresentam dificuldades para sustentar uma conversa apropriada com adultos ou com seus pares. Outras têm uma linguagem que não condiz com a idade, caracterizada por uma série de dificuldades que demonstram não terem desenvolvido habilidades de comunicação, tais como: ecolalia, entonação monótona etc. (Gadia; Tuchman; Rotta, 2004).

De acordo com Dumas (2011, p.107), “o comportamento de crianças com autismo é extremamente limitado”. Essa limitação pode ser percebida por padrões repetitivos e estereotipados, resistência a mudanças, fascínio por determinados objetos que indicam movimentos, como rodas e hélices, apego a rotinas (Gadia; Tuchman; Rotta, 2004). Segundo o DSM-5, esses padrões de fascinação ou apego a comportamentos repetitivos podem estar relacionados a hiper ou hipo

reatividade a estímulos sensoriais. Comportamentos relacionados a restrição de alimentos, medo de sons, indiferença à dor ou temperaturas extremas, dentre outros, também estão incluídos (APA, 2014). Em relação ao autismo profundo, é uma forma grave do TEA, caracterizada por desafios significativos na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos.

### 3 Metodologia

Nesta pesquisa o diário de bordo é o principal instrumento utilizado. Para isso, envolveu-se a criação de um documento estruturado que detalhou cada encontro com Felipe no contexto do AEE. O diário foi projetado para registrar informações como a data, hora e duração de cada atendimento, a descrição das atividades planejadas, as observações sobre o comportamento do aluno, bem como quaisquer estratégias ou adaptações implementadas. O diário consta de uma parte de observação e outra reflexiva. Para a pesquisa, escolheu-se um dos registros para representar a utilização do diário. Em relação aos aspectos éticos do estudo, foi assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) pelo responsável pela criança. Para preservar a identidade dessa criança, utilizou-se o nome fictício Felipe, conforme o TCLE prevê. A análise do estudo é de ordem qualitativa e de abordagem descritiva.

### 4 O diário de bordo

Hoje é sexta-feira, 03 de março de 2023, terceiro encontro com o aluno no AEE. Tempo de atendimento: 50 minutos. Rotina do dia: trabalhar o contato visual; brincar com os brinquedos disponíveis na sala; atividade envolvendo Artes (pintura com as mãos); trabalhar a sequência da escovação dos dentes; ir ao parquinho brincar; lanchar; escovar os dentes na pia; preparar-se para saída da escola. Felipe tem 8 anos de idade e cursa o 2º ano de escolaridade em uma escola pública do Município de Duque de Caxias, RJ. O aluno tem diagnóstico de TEA. Trata-se de autismo profundo, nível 3 de suporte (Trecho do diário de bordo).

Como nos demais atendimentos, quem trouxe o aluno à escola foi a mãe. Na volta para casa é o motorista do transporte escolar quem fará o transporte do aluno acompanhado com outras crianças com deficiências, e por agentes de apoio da escola.

Felipe hoje chegou um pouco agitado na escola; a mãe disse que mudou um pouco a rotina

porque precisava resolver “algumas coisas que estavam pendentes” antes de passar na escola. Digo para a mãe que mudanças de rotinas podem ser estressantes para Felipe. A mãe entregou a lancheira com o lanche dele e foi embora. Entro com Felipe para a Sala de Recursos Multifuncionais. Busco inicialmente trabalhar o contato visual, pois ainda não é um comportamento aprendido pelo aluno (Trecho do diário de bordo).

Iniciei o atendimento colocando algumas máscaras coloridas no rosto. Chamo o nome dele e ele olha para mim por um tempo muito breve, correspondendo ao meu olhar. Entrego algo que ele gosta e faço um elogio. Tenho conseguido aumentar, mesmo que ainda por um tempo muito limitado, o contato visual com o aluno. Tal comportamento é indispensável para se trabalhar atividades acadêmicas. No decorrer do atendimento deste dia, percebi que a tolerância de permanência no espaço da Sala de Recursos Multifuncionais está diminuindo. Felipe começa a correr em movimento de vai e vem. Fico receoso que se machuque porque a corrida está cada vez mais veloz no espaço da sala. Faço uma pausa nas atividades organizadas, e passo para o passo seguinte da rotina do dia. Seguro a mão dele para irmos ao parquinho da escola. Felipe tenta subir no escorrega de costas. Diante disso, com ajuda física direciono o seu corpo na posição correta. O aluno não sabe o momento de sentar no brinquedo, é preciso que eu faça o movimento com as mãos nos ombros dele para que sente e escorregue. Depois de alguns minutos ele puxa minha mão em direção à saída do parquinho.

Trabalhamos uma sequência lógica com imagens para a escovação dos dentes, porque ele ainda não tem autonomia nesse sentido, para em seguida, após o lanche, levá-lo à pia para escovação dos dentes na prática (Trecho do diário de bordo).

Na parede próxima a pia há imagens coladas com a mesma sequência ensinada na Sala de Recursos Multifuncionais. Para isso, foram organizadas três imagens com diferentes momentos de escovação (início, meio e fim), enumerado com cada etapa do processo. Felipe faz uma pausa, eu entrego um dos cartões e digo o que é (creme dental na escova!), direciono Felipe até a numeração adequada. Faço isso até completar as três etapas sucessivas do processo de escovação dos dentes. Percebo que o tempo vai se esvaindo, é hora do lanche. Levo Felipe até o refeitório da escola. Ele pega o lanche e me entrega para abrir. Essa habilidade ainda precisa ser desenvolvida. Após o lanche vou com Felipe até a pia para escovar os dentes, ele precisa de ajuda física para isso. Finalizo o atendimento do dia com Felipe. O transporte escolar o aguarda na saída da escola. Percebo que os déficits nas áreas de comunicação, interação social e comportamento precisam ser

trabalhados de maneira contínua com o intuito de desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Devido ao comprometimento do transtorno, o foco das intervenções pedagógicas, no momento, estão sendo em relação às atividades pré-acadêmicas e de autocuidado.

As imagens a seguir (Figuras 1 e 2) mostram a rotina do aluno e uma atividade realizada durante o atendimento na Sala de Recursos Multifuncionais.

**Figura 1- Sequência escovação dos dentes**



Fonte: Arquivos do autor

**Figura 2 - Rotina do aluno**



Fonte: Arquivos do autor

## 5 Resultados

O diário de bordo mostrou-se um facilitador na reflexão das atividades realizadas no AEE. Também permitiu o registro de situações ocorridas no dia a dia na Sala de Recursos Multifuncionais, que poderiam não ter sido lembradas ou passarem despercebidas se levasse em consideração apenas o planejamento sem o exercício reflexivo do registro escrito. Segundo Freire et al. (1996), a observação, o registro e a reflexão, apontam para a sensibilidade do trabalho docente ao construir uma relação mais humanizadora. Essa lógica perpassa o diário de bordo, que não se trata apenas de uma descrição dos fatos, mas uma busca por entender com mais profundidade o trabalho pedagógico desenvolvido no AEE. Na concepção de Porlán Ariza e Martins (1996) o diário serve para identificar problemas e desafios no campo educacional para buscar soluções. Nesta perspectiva foi percebido o seguinte em relação ao atendimento educacional de Felipe na Sala de Recursos Multifuncionais: Felipe apresenta dificuldades significativas na área de comunicação

verbal. Ele não utiliza a fala para se comunicar, e sua linguagem receptiva e expressiva estão prejudicadas. Foram introduzidos sistemas de comunicação alternativas, como quadros de comunicação, aplicativos de CAA, para ajudar Felipe a expressar suas necessidades e desejos. Comportamento: Felipe demonstra comportamentos repetitivos e estereotipados, como correr em movimento de vai e vem e emitir sons sem funcionalidade aparente. Atendendo as necessidades sensoriais de Felipe foram confeccionados brinquedos sensoriais; e o interesse do aluno por bonecos de desenhos animados foi utilizado para engajamento e motivação nas atividades propostas, diminuindo os movimentos estereotipados.

Resistência a mudanças e um forte apego a rotinas e objetos específicos: foram mantidos quadros com rotinas, minimizando mudanças. Além disso, o reforço positivo, como elogios e recompensas, para incentivar a independência de Felipe em atividades diárias, diminuíram as situações de estresse do aluno. Autonomia: o aluno requer apoio constante do professor para realizar atividades do dia a dia, como a escovação dos dentes e abrir a lancheira. Foi desenvolvido treinamento gradual para ajudar Felipe a aprender habilidades de autocuidado, como escovar os dentes e abrir sua lancheira. As tarefas foram divididas em etapas menores com apoio individualizado. Também tem sido mostrado a Felipe como realizar as tarefas com autonomia, usando a modelagem e a imitação, com o objetivo de ajudá-lo a entender e seguir os passos necessários. Essas estratégias têm contribuído de maneira significativa no ensino-aprendizagem de Felipe.

## 6 Conclusões

Os resultados destacam desafios significativos nas áreas de comunicação, interação social e comportamento de Felipe. As limitações identificadas, como mudanças na rotina e a falta de autonomia em atividades de vida diária, apontam para a necessidade contínua de intervenções pedagógicas específicas. Este estudo ressalta a importância da reflexão constante e da adaptação de estratégias para atender às necessidades individuais do aluno com autismo profundo, contribuindo para uma abordagem que melhor corresponda as suas necessidades específicas no AEE. A abordagem sensível (Freire *et al.* 1996) em relação ao atendimento de Felipe, permitiram identificar desafios e possibilidades no ensino-aprendizagem do aluno e a busca de soluções que contribuíram com o seu desenvolvimento e aprendizagem.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAI, D. et al. **Association of Genetic and Environmental Factors With Autism in a 5-Country Cohort**. JAMA Psychiatry, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31314057/> Acesso em 22 ago. 2023.

BRASIL. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012. Disponível em: [L12764 https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em 20 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº. 7.853, de 24 de Outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7853.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm). Acesso em 20 ago. 2023.

DUMAS, J. E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. 3 ed. Porto Alegre: Art-med, 2011.

FREIRE, M. et al. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. Espaço Pedagógico, 1996.

GADIA, C. A. TUCHMAN, R; ROTTA, N. T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento**. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 80, n. 2, supl. p. 83-94., 2004.

MAENNER, M. J. et. al. **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites**, United States, 2020. Centers for Disease Control and prevention. US Department of Health and Human Services/Centers for Disease Control and Prevention. MMWR, Vol. 72, No. 2. 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PORLÁN ARIZA, R. ; MARTIN, J. **El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: Diáda,1996.